



A GEOHISTÓRIA NO CENTRO DA CAPITAL CEARENSE: O PAPEL DA CASA BORIS-FRÈRE NA ECONOMIA E NA SOCIEDADE DE FORTALEZA NA BELLE ÉPOQUE

Marcos Vinícius Vieira do Nascimento
Universidade Estadual do Ceara, Fortaleza, Brasil.
viinivn@gmail.com

RESUMO – O artigo explora a influência da Casa Boris-Frère no desenvolvimento econômico e cultural de Fortaleza a partir de uma abordagem geohistórica. Fortaleza, uma cidade que cresceu rapidamente devido ao comércio, especialmente após a Guerra Civil Americana, se transformou em um centro influente no Nordeste brasileiro. A influência francesa, especialmente durante a Belle Époque, trouxe um estilo de vida sofisticado que rendeu à cidade o apelido de "Paris Nordestina". A Casa Boris-Frère, estabelecida por irmãos franceses em 1872, desempenhou um papel crucial como intermediária entre Fortaleza e Paris, facilitando o comércio de produtos manufaturados da França e exportando matérias-primas como algodão. Além do impacto econômico, a casa também promoveu intercâmbios culturais e sociais, influenciando desde moda até hábitos de consumo. O artigo usa uma análise geohistórica para mostrar como esses elementos do passado continuam presentes no espaço e na sociedade fortalezense.

Palavras-chave: Fortaleza; Casa Boris-Frère; Belle Époque; Economia; Geohistória.

GEOHISTORY IN THE CENTER OF THE CAPITAL OF CEARENSE: THE ROLE OF THE BORIS-FRÈRE HOUSE IN THE ECONOMY AND SOCIETY OF FORTALEZA IN THE BELLE ÉPOQUE

ABSTRACT – The article explores the influence of Casa Boris-Frère on the economic and cultural development of Fortaleza from a geohistorical approach. Fortaleza, a city that grew rapidly due to trade, especially after the American Civil War, became an influential center in Northeast Brazil. French influence, especially during the Belle Époque, brought a sophisticated lifestyle that earned the city the nickname "Paris Nordestina". The House of Boris-Frère, established by French brothers in 1872, played a crucial role as an intermediary between Fortaleza and Paris, facilitating trade in French manufactured goods and exporting raw materials such as cotton. In addition to the economic impact, the house also promoted cultural and social exchanges, influencing everything from fashion to consumption habits. The article uses a geohistorical analysis to show how these elements of the past continue to be present in the space and society of Fortaleza.

Keywords: Fortaleza; Casa Boris-Frère; Belle Époque; Economy; Geohistory.

INTRODUÇÃO

A cidade de Fortaleza, capital do Ceará, é a quarta maior cidade do Brasil, a maior do Nordeste em população segundo o censo 2022 do IBGE, com cerca de 2.428.678 habitantes, que em sua região metropolitana ultrapassa os 4 milhões. Silva (2006) indica um fator bem específico e interessante da cidade: ela mescla litoral, sertão e serra. Uma cidade com uma diversidade geográfica interessante que atraiu diversas pessoas ao longo de sua história, principalmente durante a segunda metade do século XIX e todo o século XX. Esse crescimento, segundo Silva (2006), causou um crescimento desordenado da cidade, que cresceu a sua malha urbana

rapidamente e se tornou uma grande influência, seja ela local, regional, nacional ou internacional.

Porém, a cidade de Fortaleza não apresentava uma oportunidade de crescimento antes do século XIX. Essa mesma cidade dos séculos XVI e XVIII era uma pequena vila em crescimento. Costa (2017) aponta que diversos viajantes a descreviam como um solo pobre, de má organização espacial, mas com um aspecto charmoso que chamava a atenção. Ao ter uma autonomia maior ainda no século XVI, sendo um ponto referencial para a distribuição de charque, foi se tornando cada vez mais uma localidade que girava as engrenagens econômicas do Ceará. Com a Guerra Civil Americana na segunda metade do século XIX, a consolidação da cidade se tornou mais perceptível por conta do comércio do algodão, que acaba trazendo um impulsionamento econômico e social. Isso fez com que Fortaleza entrasse no mapa de influência a nível global, o que abriu portas para uma influência europeia, principalmente com a onda hegemônica francesa.

No final do século XIX e início do século XX, Fortaleza vive o auge do seu crescimento com a alcunha "Paris Nordeste": as pessoas se vestiam com roupas sofisticadas e volumosas no calor tropical da cidade, os status era tudo. Costa (2017) apresenta que a exportação de algodão, acompanhado de produtos manufaturados importados da França, mostrava que existia uma balança comercial entre Ceará e Europa. Isso nos leva até Lefebvre (2006), que indicava que o espaço era o resultado da soma e da síntese da paisagem com a sociedade através da espacialidade. Para ele, o espaço era mais que o ambiente físico: era um produto social construído através de interações humanas e de relações de poder. Essas interações humanas e de poder estiveram fortemente presentes na Fortaleza do século XIX, que começou a ser impactada por pensamentos franceses que influenciaram a forma que a cidade era pensada. Essa influência se deu, principalmente, pelos códigos de postura e sanitários, que segundo Costa (2017) eram sustentados pelo discurso médico de pensamento neo-hipocrático, que visava "europeizar" e modernizar a cidade. Os ideais franceses estavam se popularizando, e as pessoas que se vestiam, falavam e agiam como os parisienses eram considerados mais sofisticadas. Entender todos os elementos que perpassam esse espaço seria, de certo modo, complicado. Por isso que o foco será o impacto econômico que a cidade de Fortaleza sofreu com essa influência, onde uma das principais chaves para esse desenvolvimento foi através da Casa Boris-Frère.

Dessa forma, o presente artigo, unindo essa linha tênue disciplinar entre Geografia e História, busca analisar de que forma essa casa mediou esse crescimento econômica e cultural no Centro de Fortaleza, modificando-o através de diversos elementos, e como estes estão estáticos no espaço com o passar do tempo. Passado e presente se encontram, e o passado precisa ser enxergado com criticidade para que assim se possa entender o presente da maneira mais completa possível. Através de uma abordagem histórico-dialética, leituras e visitas de campo, os principais espaços foram vistos em uma perspectiva histórica e analisadas empiricamente no presente, trazendo reflexões sobre o peso espacial e temporal que apresentam no cotidiano fortalezense.

A GEOHISTÓRIA COMO UMA FERRAMENTA INTERDISCIPLINAR DE ANÁLISE ESPACIAL

Entender que a dimensão espacial carrega uma temporalidade é uma forma de trazer essa interdisciplinaridade que a Geografia e a História apresentam, já que essa colaboração revela dinâmicas dentro dos sistemas espaciais, já que ajuda a preencher as lacunas científicas de ambas as ciências, mostrando nas palavras de Ferreira (1998), o que o objetivo parece ser, facilitando o entendimento das dinâmicas dos sistemas espaciais e das formas das paisagens na espacialização do tempo. Uma visão histórica apreciada pela Geografia ocasiona um mergulho profundo nas teias espaciais, pois o tempo "está presente em toda ação humana, incluindo nas ações realizadas no presente" (CORRÊA, 2016 p.1). A relação entre espaço geográfico e tempo histórica foi vital para trazer novas compreensões, já que o espaço

está para a história o que o tempo está para a geografia. Nenhum acontecimento que não esteja inscrito num espaço, nenhum espaço que não tenha a marca do tempo. Essa complementaridade natural das duas disciplinas é reconhecida há muito tempo. Esteve na origem de uma abordagem que fez o sucesso da geografia clássica francesa quando, para explicar uma paisagem, foi primeiro necessário refazer a sua gênese. (COURVILLE, 1995, p.5)

Essa caracterização Geográfica e História, ou simplesmente Geohistórica, traz uma visão integrada e científica da compreensão dos processos socioespaciais atuais, e o geógrafo tem um fardo de se preocupar com isso pois, ao estudar os movimentos sociais, urbanos ou rurais com essa perspectiva temporal, a ciência vai fornecendo mais pistas (SILVA, 1997). Obviamente esse artigo não vai reforçar a ideia de que ambas as ciências devem trabalhar juntas sempre, mas que ambas podem se complementar, dependendo daquilo que esteja se buscando analisar de forma mais profunda. Côrrea (2016) consegue trazer essa discussão de uma forma bastante construtiva. Ao articular a respeito das vias de análise da Geo-história, o autor elenca a herança como uma via essencial dentro dessa temática, pois dentro de um determinado espaço, lugar ou região, diversos momentos do tempo estão incorporados por meio das heranças do passado, da mesma forma que, o que se cria no passado, pode apresentar outra conotação no presente, se tornando obsoleto ou apresentando uma interpretação distinta (CORRÊA, 2016 p. 3).

Ao espacializar um processo histórico, a Geografia encontra resquícios do passado no presente, ou seja, esse passado ainda é presente. Rodrigues (2015) transparece a ideia de que a Geografia Histórica não deve ser conhecida somente como um campo de estudo do passado, mas também como um campo que realiza um recorte temporal que se contrapõe com a hegemonia de uma análise apenas focada na temporalidade do presente na produção geográfica. O passado não ficou para trás, e o presente de certo modo também será passado, e Harvey (1989) diz que a construção espacial é periódica e cíclica, onde todos os elementos, que agora estão estáticos, perpassam e afetam todo o espaço. Assim, os elementos do passado têm um impacto no espaço do presente, da mesma forma que aquilo que é construído no agora também vai afetar o espaço no futuro.

Léfebvre (2006) enxergava o espaço como uma representação construída através de práticas individuais e coletivas, e que a percepção apresentada desse espaço seria através dessa base representativa estabelecida. A cidade de Fortaleza da segunda metade do século XIX e do início do século XX apresentava uma infraestrutura que lembrava as ruas da França, com lindas praças que serviam como uma vitrine social, e com boutiques, cafés e cinemas, que eram espaços populares na Europa. Isso se conecta também com o que Léfebvre (2006) chama de espaço vivido, que é o que se refere ao cotidiano, ao que é experienciado. É o espaço onde as pessoas vivem, trabalham, se deslocam e interagem socialmente. Na medida que uma cidade de Fortaleza crescia e se estabelecia, novos serviços e localidades surgem, viabilizando esse espaço vivido. Toda essa movimentação transformou a sociedade fortalezense e seus visitantes, o que acabou criando um imaginário de que ali era a “Paris Nordeste”.

Além disso, Léfebvre (2006) também enxergava o espaço como algo concebido, já que ele é projetado e construído pelas instituições públicas, arquitetos e planejadores. A cidade de Fortaleza, entre os anos de 1835 e 1920 passou por inúmeros códigos, sejam de postura ou sanitários. Costa (2017) demonstra que esses códigos tinham como foco a europeização da cidade, que eram pautados no discurso médico, que vinha tratar os males de organização e também da sociedade. Esses códigos contemplavam diversos fatores: alinhamento e limpeza das ruas, construção de casas, criação de animais, salubridade e comportamento dos moradores, tratamento de água, além da instituição de um discurso higienista que combinava critérios médicos com as normas de construção. Essas mudanças eram importantes para seguir um modelo que era considerado moderno, que era esse vigente na França e outros países da Europa.

Essa visão trazida por Léfebvre se faz muito necessário na discussão sobre o espaço. Corrêa (2016) mostra que nessa linha de raciocínio, o espaço tem um fundamental papel na estruturação de uma totalidade e de um sistema. Para ele, o espaço é o lócus da reprodução das

relações sociais de produção, ou seja, o espaço é a reprodução da sociedade. Essa reprodução acontece de inúmeras maneiras, como mostrado pela noção de práticas espaciais, que nada mais são que os conjuntos de práticas que são criadas, mantidas, desfeitas e refeitas nas interações espaciais, impactando diretamente o espaço, alterando-o e preservando suas formas e interações espaciais. Dentro dessa noção, a questão do remembramento espacial se fez presente na Fortaleza do passado, que foi reorganizada e remodelada de acordo com os interesses específicos, que visavam impulsionar a economia e a sociedade. Falar dessa cidade do passado é relevante para entender o presente, pois muito do que foi pensado e produzido naquele período, ainda tem suas marcas na atualidade.

Pensar o espaço geográfico a partir de uma perspectiva geohistórica é uma forma de contribuir em um enriquecimento dentro desse conceito, da mesma forma que também provoca uma interdisciplinaridade que amplia as discussões científicas. Lourenço (2005) revela que o espaço geográfico é dotado de historicidade, que é uma característica importante para compreender a racionalidade que trouxe um grupo a uma determinada posição, compreendendo sua história, sua gênese e sua complexidade técnica-social que transformou e produziu o espaço que se tem no hoje.

Entendendo que essa abordagem traz uma reflexão sobre todos os aspectos históricos que o espaço carrega e que é relevante para entender o seu passado, presente e futuro, recortes espaciais e temporais foram feitos para conseguir entender de forma abrangente a importância desse viés. Quando se fala de uma perspectiva de Brasil, se faz relevante também pensar em toda a questão do hibridismo cultural que o país passou ao longo de sua história, principalmente por conta de todo esse choque de inúmeras culturas, assim como também a circulação de ideias culturais dentro de um mundo globalizado (CEVASCO, 2006). A partir disso, se fez interessante abordar um aspecto, o de hegemonia francesa, principalmente na relevância que ela teve na transformação de uma das principais cidades do país: Fortaleza. Por isso que foi escolhido analisar a Fortaleza do final do século XIX e início do século XX, trazendo reflexões sobre esse período até os dias atuais, entendendo o passado no presente, e a relevância de ambos em uma reflexão do futuro.

Os primeiros impactos dessa influência francesa aconteceram com a Missão Francesa de 1816, onde Pinassi (1998) mostra que a ideia de embelezar e higienizar os costumes urbanos se intensificaram com a chegada de artistas e proprietários franceses exilados durante a era napoleônica, onde essa chegada trouxe mudanças como o deslocamento de moradias para fora do Centro da cidade, reforçando a ideia de que as atividades econômicas e políticas deveriam perdurar naquele espaço. Além disso, se tem também um estabelecimento de propriedades francesas, principalmente ligada a moda, arquitetura e pintura:

Um francesismo se espria [...] e davam um toque chique e de bom tom aos novos hábitos. O resultado se reflete no aspecto melhorado da vida doméstica. A mulher cuida-se mais e procura instruir-se [...] não aceita mais o casamento por interesse; casar por amor, lê jornais, gosta de revistas de modas, de novelas e romances. (PINASSI, 1998, p. 57).

O mundo olhava para a França e desejava uma vida parecida, que era sinônimo de liberdade e glamour (GIRAUD, 2012 p.79), gerando assim uma onda de afrancesamento que impactou nas principais cidades brasileiras. O processo de adequação dessa hegemonia cultural no Brasil foi lento e complicado, chegando através da porta principal, o Rio de Janeiro, aos poucos esses costumes foram se espalhando de forma gradativa no Brasil. Nas décadas posteriores, o Brasil cada vez mais adotava esses modos de vida luxuosos e chiques. Mas foi a partir da década de 1870 que esse processo sofreu um aceleração gradativa na chamada Belle Époque, período este que os olhos estavam praticamente "grudados" nos costumes, na arquitetura e na língua francesa, de tal forma que o desenvolvimento espacial copiava a maneira representativa das cidades francófonas, sobretudo de Paris. É aqui que Fortaleza entra, a capital cearense que até hoje guarda um pedaço de Paris para si. Mas, obviamente, a cultura francesa não adentrou de

forma aleatória. O pontapé foi a abertura econômica, que impulsionou ainda mais Fortaleza, e que teve uma forte participação da Casa Boris-Frère.

O VIÉS GEOHISTÓRICO COMO UM FATOR DE REVELAÇÃO ESPACIAL: A CASA BORIS-FRÈRE

A forte relação com a Europa através da carência de algodão proeminente da Guerra de Secessão foi um pilar que colocou, não só a cidade de Fortaleza, mas o Ceará dentro do mapa, já que os Estados Unidos eram os principais fornecedores de algodão para os países europeus, o que justifica o fato da cidade ter passado de Porto-Cidade a Cidade-Porto devido a essa sinergia que equilibrou o espaço urbano com o instrumento portuário, já que estrategicamente o município era um dos mais próximos do continente europeu (PAULA, MORAIS, FERREIRA e DIAS, 2015).

Em paralelo a essa situação, Mollier (2018) mostra que a França estava em seu auge, que vinha desde o início do século XIX. Esse auge vinha junto de uma cultura de massa que pulsa até o primeiro ano da Primeira Guerra Mundial. O mundo naquela época apresentava a ideia de que a França era um país com sinônimo de liberdade, sofisticação e de grandeza, um ideal que foi crescendo desde a Revolução Francesa, que como abordado por Séves (1944), marcou para sempre a história por conta de todos os conceitos materiais de vida e sociedade estabelecidos. O próprio Código de Comercial Brasileiro, que foi redigido em 1850, teve como base o modelo francês, já que as formações de proficiências administrativas e contábeis eram realizadas principalmente em academias francesas devido a inexistência de formações na área em terras brasileiras (COSENZA; REZENDE, 2019, p 43).

Essa situação corrobora com a ideia de que o Brasil, assim como outros países, estava totalmente alinhado com a cultura francesa. Qualquer oportunidade de ter um pedaço dessas características eram valorizadas, e em Fortaleza isso não foi diferente. As casas comerciais francesas tiveram um papel importantíssimo para o desenvolvimento econômico do município como um todo, despertando uma expansão do mercado financeiro, e a Casa Boris-Frère foi um destaque na cidade de Fortaleza. O trecho a seguir evidencia a estratégia que essas casas exalavam:

Historicamente, no Brasil os negócios eram estruturados sob um foco em que a estratégia competitiva visava conquistar uma posição privilegiada nas relações comerciais, especialmente, com países de outros continentes que possuíssem carência de matérias primas e de disponibilidade de produtos industrializados, como era o caso dos países europeus, principalmente a França e a Inglaterra. Por conta disso, a partir do período monárquico brasileiro, foram constituídas várias empresas de capital externo francês, inglês e alemão que atuavam nesse nicho de mercado, visando, principalmente, o desenvolvimento de atividades comerciais no Brasil. (COSENZA; REZENDE, 2019, p. 44)

Segundo Malerba (1999), as preferências estrangeiras durante o século XIX, depois do Rio de Janeiro, se resumiam a Salvador e São Paulo, o que possibilita uma reflexão a respeito de uma Casa tão importante como a Boris-Frère se estabelecer Fortaleza, município que crescia, mas que não era tão grande como as demais. Bertelli (2006) indica que foi uma ideia estratégica, já que o Ceará como um todo carecia de produtos ditos de luxo importados da França, o que colocava a Casa Boris em uma posição competitiva avançada em relação a outras casas comerciais francesas que também se instalavam no Brasil, mas com menos força no município fortalezense.

A instalação dos Boris Frères em Fortaleza se deu a partir da chegada dos irmãos Alphonse e Theodore Boris. Segundo Morais (2009), os irmãos eram oriundos da província francesa de Lorena, onde na segunda metade da década 1860 passaram por diversas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Recife e, por fim, Fortaleza. Com a eclosão da guerra Franco-Prussiana, os irmãos precisaram resolver alguns problemas familiares em seu país natal, e foi nesse período que fundaram em Paris a Casa Comercial Boris Frères. Após estes acontecimentos, os irmãos

retornaram para Fortaleza e instalaram a filial da casa no Centro da cidade, realizando diversas atividades econômicas, sobretudo trocas comerciais.

A partir disso, podemos citar a Casa Boris-Frères como a casa comercial de impacto da província cearense. A partir da análise de Bertelli (2006), é possível entender um pouco a respeito da fundação da casa, que construiu de forma abstrata uma ponte entre Fortaleza e Paris. A acomodação da Casa Boris aconteceu durante as décadas de 1860 e 1870, período este que a Província cearense experimentava "uma expansão agroexportadora, apoiada principalmente na produção algodoeira, que integrava o mercado cearense às correntes do comércio internacional" (BERTELLI, 2006 p. 02). Dessa forma, a larga exportação de matéria-prima não foi o único atrativo, já que importar produtos manufaturados da França para uma localidade que ainda não bebia destes bens foi uma outra vantagem enriquecedora. Além do mais, a Casa Boris Frère servia como um ponto de escoamento para pequenos comerciantes, locais e interioranos, fazendo com que a sua posição fosse bastante privilegiada frente aos negócios:

No caso da Boris-Frère, a partir de sua instalação definitiva em 1872, foi-se engendrando uma hierarquia na cadeia de distribuição das mercadorias importadas. tendo, em uma de suas extremidades, a casa matriz de Paris, e na outra, o pequeno comerciante do interior da província. A exportação de produtos locais para o mercado externo alicerçava-se nos mesmos agentes e hierarquia. As matérias-primas dirigidas ao comércio exportador chegavam à Casa Boris de Fortaleza, através dos comerciantes com que negociavam na importação, oriundas de fornecedores interioranos. (TAKEYA, 1994, p. 120)

Interessante notar que o enraizamento da Casa Boris Frère em Fortaleza foi bastante intenso em diversos aspectos, já que essa flexibilidade comercial da casa é "mais patente quando se observa que comercializou também com mercadorias de produção local, como velas de cera de carnaúba, charque ou ainda aguardente que eram enviadas de uma área à outra dentro da própria província" (TAKEYA, 1994, p. 122). Assim, as questões econômicas que envolviam a casa não eram mutuamente restritas à relação entre Fortaleza e França, como também eram realizadas dentro dos municípios da própria província.

Os tecidos e os couros foram os principais produtos comercializados pela casa, sendo o último o principal item dentre as exportações brasileiras, seguida da cera de carnaúba e da borracha, que também eram produtos de certa importância, mas que eram comercializadas em uma intensidade mais baixa (COSENZA; ROCCHI; RIBEIRO, 2014). Os principais destinos dessas exportações foram França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos.

Os produtos manufaturados tinham uma priorização dentro dos consumidores de Fortaleza, e não necessariamente eram itens exclusivamente franceses ou europeus. O portfólio dos Bóris-Frères era amplo, onde produtos oriundos de outros países eram trazidos pela casa, a exemplo a farinha de trigo norte-americana. Ademais, a abrangência da casa em ramos além da importação e exportação eram existentes, já que a mesma também foi "comissionária de várias companhias de seguros estrangeiros e representou diversas casas bancárias e bancos, nacionais e estrangeiros, sendo um deles o Banco do Brasil" (COSENZA; ROCCHI; RIBEIRO, 2014. p. 230).

Para se ter uma ideia, Garcia (2017) mostra que a influência da Casa Boris enraizou de forma cultural, já que ela era um símbolo de prosperidade, e em busca disso muitos cearenses viajavam preferencialmente para a França com o objetivo de se desenvolver, seja de forma profissional através de graduações, ou até mesmo de forma popular, através de casamentos com damas e cavalheiros franceses. A mesma também revela que as influências da casa nas questões financeiras eram tão grandes que a Fazenda do Estado chegou a recorrer a financiamentos com a casa Boris de forma a atender os problemas que os cofres públicos sofriam no final do século XIX. Assim, a prosperidade da casa estava de maneira total dentro do espaço cearense, onde muitas colaborações entre governo e firma aconteceram ao longo das décadas:

A considerável participação da firma no crescimento econômico cearense, lhe conferiu grande prestígio junto aos poderes públicos locais tanto no período

monárquico como na fase republicana. Entre outras colaborações com o Estado, consta que os Boris receberam dos governos cearenses as seguintes incumbências: presidência da comissão organizadora da mostra de produtos alencarinos na Exposição Internacional de Chicago (1892-1893), intermediação de diversos empréstimos contraídos junto a bancos europeus e agenciamento, na Escócia, de acordos para a compra de equipamentos metálicos para as obras do porto (1891) e do Theatro José de Alencar (1910). Além do mais, segundo o historiador Raimundo irmão, por mais de uma vez a Fazenda do Estado teve de recorrer a empréstimos financeiros da Firma (operações de financiamento era uma das atividades dos Boris, delas se servindo fazendeiros, pecuaristas, lojistas e usineiros) para cobrir déficits momentâneos dos cofres públicos. (PONTE, 2014, p. 145)

A respeito das importações, a Casa Bóris foi bastante inteligente dentro dos ramos comerciais, já que interligava as exportações com as importações de forma bastante inteligente. Essa estratégia fazia com que a relações com comerciantes locais acontecesse constantemente, já que os produtos produzidos pelos mesmos eram exportados e transformados em produtos manufaturados que eram produzidos a partir da matéria-prima exportada, como mostrado por Takeya (1994):

Considerando-se a atividade exportadora da Casa Boris. em particular, constata-se que o algodão constituiu o principal gênero comercializado pela casa. Ora, na medida em que os tecidos foram as mercadorias de maior peso nas importações, verifica-se que ocorria um intercâmbio comercial no qual se importavam manufaturas feitas com a matéria-prima que se exportava. Vários foram os comerciantes cearenses cuja relação com a Boris Frères esteve assentada, sobretudo, na venda do algodão e na sua contrapartida: a compra dos tecidos fabricados com aquela matéria-prima. (TAKEYA, 1994, p.123)

A citação anterior revela como o algodão foi um ponto essencial para o desenvolvimento da província cearense como um todo. Essa matéria-prima não era caracterizada como “ouro branco” por acaso, já que a maioria dos produtos importados da França eram trabalhados de tal forma que eram vistos como artigos de luxo, de poder e de glamour. Os principais produtos importados eram esses tecidos juntamente com roupas em geral, sapatos, chapéus, perfumes, móveis e até mesmo máquinas, que eram feitas por encomenda na própria sede (REZENDE; SILVA; DALMÁCIO; COSENZA, 2013).

É interessante notar a lógica da entrada da cultura francesa através da Casa Bóris já que essa situação não foi por acaso. A lógica de submeter um ponto logístico com entradas e saídas se fez bastante promissor, e foi a partir disto que muito do afrancesamento francês se deu a partir das importações da casa. Garcia (2017) mostra que, além da importação de itens de luxo e maquinários, a Casa Boris também foi responsável pela importação de objetos estruturais, principalmente de ferro. Muitas dessas estruturas importadas foram utilizadas na construção do Theatro José de Alencar, que é um exemplo de um prédio com características exorbitantes da arquitetura francesa.

Uma casa com uma importância econômica tão grande necessitava de uma localização que suprisse essas teias que vinham de diversas localidades. Como o Porto era o principal meio de trocas comerciais naquela época, estrategicamente a Casa Boris precisava se alocar em um espaço que fosse benéfico, ou seja, que fosse próximo ao ponto de escoamento e de recebimento das mercadorias, para que assim essas relações ocorressem da forma mais rápida possível.

Como já citado anteriormente, a cidade de Fortaleza se desenvolveu bastante no século XIX, e foi nesse mesmo século que as questões que envolviam o planejamento do porto começaram a se intensificar. A ideia era construir um ponto onde o comércio de exportação de mercadorias, principalmente do algodão e do café, acontecesse da forma mais dinâmica possível.

O espaço onde hoje é a famosa Ponte Metálica foi no passado o principal Porto do município fortalezense. Segundo Nobre (2009), antes da construção da Ponte em 1905, já existiam vários

trapiches na localidade, onde a mais antiga data do ano de 1804. Ao longo das décadas posteriores, o espaço do Porto passou por diversas reformas, de forma a otimizar o embarque e desembarque de passageiros e mercadorias. A mesma autora também comenta que no mesmo período que a Casa Boris se acomodou na cidade, os estudos e projetos do Porto estavam avançados, e não foi por acaso, já que a prosperidade da casa foi total. Na década de 1870, os projetos de Charles Neate trouxeram a construção de um quebra-mar, um canal, um porto e uma ponte de acesso ao litoral, mostrando assim a preocupação com o avanço econômico do município (SIMONINI, 2022).

De forma estratégica, a filial da casa Boris-Frère em Fortaleza se localizava a menos de 700 metros do antigo porto da cidade, na antiga Travessa da Praia, atualmente conhecida como Rua Boris. Com essa proximidade da casa com o porto da cidade, as negociações eram feitas de forma mais rápida. A sede apresentava uma arquitetura que demonstrava bastante poder, com uma torre ornamental alta em sua estrutura.

No passado, como mostrado na Figura 1, alguns trilhos, que iam em direção ao Porto, passavam pela que hoje é conhecida como Rua Pessoa Anta, que é perpendicular à atual Rua Boris. O prédio hoje ainda se mantém, como mostrado na Figura 2. Os trilhos já não existem mais, e mesmo que a casa Boris não tenha a força de antes, já que como mostrado por Nobre (2009), a Casa perdeu sua força na década de 1930 com a Grande Depressão, que interrompeu as exportações e atingiu o comércio de Fortaleza como um todo. É interessante perceber que o prédio de um dos pilares da entrada da cultura francesa na cidade ainda existe.

Figura 1. Prédio da Filial da Casa Bóris em Fortaleza-CE na década de 1870.



Fonte: Nobre (2013)

Figura 2. Prédio da Filial da Casa Boris em Fortaleza-CE nos dias atuais.



Fonte: Acervo do autor (2023)

O prédio da antiga sede da Casa Boris se localiza hoje em frente a um dos espaços culturais mais importantes da cidade de Fortaleza: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. O espaço hoje é utilizado por uma empresa do ramo da Tecnologia da Informação. Algumas mudanças no prédio são observáveis, como alguns murais de grafite no lado exterior, mas muito da originalidade dele ainda permanece. Interessante notar também que a Rua Boris é perpendicular a Rua José Avelino, que por sinal é um ponto econômico de bastante impacto no Centro de hoje, observado na Figura 3. Isso mostra a força de um dos pilares econômicos do Ceará hoje, a indústria têxtil, que movimenta bastante a economia não só de cidades cearenses, mas também atrai pessoas de diversos outros estados devido a base industrial consolidada, a infraestrutura industrial, a mão de obra qualificada e a diversificação nas inovações de produção (MUNIZ, 2016).

Assim, há um encontro do passado e presente mediado por algo em comum: o papel econômico. Mesmo que a Casa Boris-Frère hoje seja um resquício histórico e espacial da história da economia de Fortaleza, a sua espacialidade transpira economia. A partir dessa análise

econômica da Casa Boris-Frère, é possível compreender melhor a dinâmica de abertura da economia da cidade de Fortaleza para o continente europeu. Muito do que foi produzido em terras cearenses foi comercializado para a França, que posteriormente trazia produtos que representavam liberdade, glamour, riqueza e modernidade

Figura 3. Lojas de Confeccção na Rua José Avelino em Fortaleza-CE



Fonte: Acervo do autor (2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Fortaleza evoluiu de uma pequena vila com problemas de organização espacial para um importante centro de comércio e influência cultural. O crescimento econômico e cultural de Fortaleza foi impulsionado pela consolidação da cidade como um ponto crucial para a distribuição de charque e, posteriormente, pelo comércio de algodão. No século XIX e no século XX, a Casa Boris-Frère desempenhou um papel significativo nesse processo, atuando como uma ponte entre Fortaleza e Paris. Sua localização estratégica próxima ao porto facilitou as trocas comerciais e contribuiu para o desenvolvimento econômico da região. Além disso, a influência da Casa Boris-Frère se estendeu além do aspecto econômico, influenciando também aspectos culturais e sociais da cidade.

Economicamente, a Casa Boris-Frère desempenhou um papel crucial como intermediária entre os comerciantes locais e o mercado internacional, ampliando as oportunidades de negócios para pequenos produtores e exportadores cearenses. A Casa se enraizou na cidade, atuando não apenas no comércio, mas também como comissária de seguros e representante de instituições financeiras estrangeiras no Brasil, incluindo o Banco do Brasil.

Culturalmente, a influência da Casa Boris-Frère foi igualmente marcante. Ela introduziu em Fortaleza não apenas produtos de consumo de luxo, mas também um estilo de vida associado à sofisticação europeia, contribuindo para a construção de uma identidade urbana que muitos consideravam como a "Paris Nordestina". A presença da Casa Boris-Frère não se limitou apenas

ao comércio; ela se tornou um símbolo de status e prosperidade para a elite local, incentivando viagens à Europa e influenciando hábitos de consumo e comportamento social.

Além do impacto direto no comércio e na cultura, a Casa Boris-Frère também teve uma influência significativa nas políticas públicas e no desenvolvimento urbano de Fortaleza. Colaborações com o governo estadual foram frequentes, demonstrando o prestígio e a importância da empresa no cenário político e econômico da região.

Hoje, mesmo que a Casa Boris-Frère seja apenas um resquício histórico, sua importância econômica e espacial ainda é evidente. Sua arquitetura com influências ainda é presente, mesmo que com outro fim. Sua caracterização econômica não existe mais, porém é sentida através do comércio de confecção na José Avelino. O prédio da antiga sede permanece como um marco histórico no centro da cidade, testemunhando o passado de prosperidade e influência da Casa. Ao analisar a história da Casa Boris-Frère, pode-se compreender melhor a dinâmica da economia de Fortaleza e sua abertura para o comércio internacional, especialmente com a Europa. Assim, o legado da Casa Boris-Frère continua a ser relevante para a compreensão do presente e do futuro de Fortaleza como um centro econômico em constante evolução.

A Belle Époque de Fortaleza é estudada e analisada por diversos aspectos, principalmente pelo viés das mudanças sociais e culturais perceptíveis em espaços como a Praça dos Mártires e a Praça do Ferreira. Porém, resgatar a história da Casa Boris-Frère é uma forma de dar relevância ao processo que culminou nessas mudanças sociais e culturais perceptíveis nesses espaços citados, e em ter uma visão mais abrangente a respeito dessa teia de mudanças que perpassou a cidade de Fortaleza do passado, e que ainda é perceptível nos dias de hoje.

Compreender o espaço geográfico sob uma perspectiva geohistórica suscita reflexões profundas sobre a epistemologia desse conceito. Em uma era em que muitas memórias históricas urbanas são apagadas para ceder espaço a grandes empreendimentos imobiliários, a presença de uma estrutura que carrega uma história tão crucial para a consolidação da cidade de Fortaleza se torna fundamental para evidenciar a importância de uma abordagem que oferece múltiplas interpretações sobre cidade, sociedade e economia.

REFERÊNCIAS

- BERTELLI, Carlos H. Uma casa chamada Boris. Rio Grande Filatélico, n. 45, 2006.
- CEVASCO, Maria Elisa. Hibridismo cultural e globalização. ArtCultura, v. 8, n. 12, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O interesse do geógrafo pelo tempo. Boletim Paulista de Geografia, v. 94, 2016, p. 1-11.
- COSENZA, José Paulo; REZENDE, Amaury José. Atuação das casas comerciais francesas no Brasil: o papel da casa Marc Jacob no comércio da cidade de Parnaíba, 1886- 1927. Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ, v. 24, n. 2, p. 42-60, 2020.
- COSENZA, José Paulo; ROCCHI, Carlos Antonio De; RIBEIRO, Carlos Antonio Campello. Presença francesa no Brasil no século XIX: análise dos arquivos contábeis da Casa Boris no período de 1872 a 1887. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 16, n. 51, p. 223-256, 2014.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. Capítulos de geografia histórica de Fortaleza / - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017. 180 p. : il. ; 21 cm. (Estudos da Pós-Graduação)
- COURVILLE, Serge. Introduction à la géographie historique. Presses Université Laval, 1995.
- FERREIRA, Maria Julia. O Espaço-Tempo e a Geohistória. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n.º 12, Lisboa, Edições Colibri, 1998, p. 215-227
- GARCIA, Fátima. Fortaleza em Fotos: Uma Casa Chamada Boris. 2017. <Disponível em:<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2017/03/uma-casa-chamada-boris.html>> Acesso em: 24 de setembro de 2020.

- GIRAUD, Ana Cláudia Barbosa. Discursos e estilos de docentes de FLE e a influência da cultura francesa na formação da sociedade brasileira. *Non Plus*, n. 2, p. 75-87, 2012.
- HARVEY, David. A condição pós-moderna. Tradução: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. Edições LOYOLA, São Paulo, Brasil. 360p.
- LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006, 476 p.
- LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. Geografia Histórica: considerações teórico-metodológicas. In: *A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2005, pp. 27-40.
- MALERBA, Jurandir. *O Brasil Imperial (1808-1889): Panorama da história do Brasil no século XIX / Jurandir Malerba*. -- Maringá: Eduem, 1999. 192 p.
- MOLLIER, Jean-Yves. O advento da cultura de massa na França e no mundo no século XIX. Dossiê Práticas Editoriais e Intermediações da Cultura. *Arquivos do CMD*, Volume7, N.1. 2018. P. 14-28
- MORAIS, Nágila Maia de. O vaivém das marés: o dia-a-dia de trabalho dos catraieiros no porto de fortaleza (1903-1904). *anpuh – xxv simpósio nacional de história – Fortaleza*, 2009.
- NOBRE, Leila. Fortaleza Nobre: Ponte Metálica e Ponte dos Ingleses. 2009. Disponível em <<http://www.fortalezanobre.com.br/2009/06/ponte-metalica.html>>. Acesso em: 24 de setembro de 2020
- NOBRE, Leila. Casa Boris Frères. Fortaleza Nobre, 2013. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2013/02/casa-boris-freres.html>. Acesso em: 10 de junho de 2023.
- PAULA, Davis Pereira, MORAIS, Jäder Onofre de, FERREIRA, Óscar, & DIAS, J. Alveirinho. De um simples porto a uma cidade convertida para o turismo: a artificialização do litoral de Fortaleza-CE, Brasil. 2015. *O Homem e as Zonas Costeiras*, 4, 200-213.
- PINASSI, Maria Orlanda. *Três Devotos, Uma Fé, Nenhum Milagre*. Unesp, 1998.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930*. 5.ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2014. 224p.
- REZENDE, Amaury José; SILVA, Adolfo Henrique Coutinho e; DALMÁCIO, Flávia Zóboli; COSENZA, José Paulo.. O sistema contábil no Brasil no período de transição do império para a república: estudo de caso de uma casa comercial nos anos de 1882 a 1896. In: VII Congresso Anpcont, 2013, Fortaleza. VII Congresso Anpcont, 2013. v. 1. p. 1-20.
- RODRIGUES, Glauco Bruce. Geografia histórica e ativismos sociais. *GeoTextos*, v. 11, n. 1, 2015.
- SÉVES, António de. *A Revolução Francesa e suas consequências*. Lisboa; Pro-Domo; 8ª edição. 106 p., 1944.
- SILVA, José Borzacchiello da. Fortaleza, A Metrópole Sertaneja do Litoral. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; Za nella, Maria Elisa Zanella; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (orgs.). *Litoral e Sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro* - José Borzacchiello da Silva et al. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. 408p.
- SILVA, José Bozacchiello Da. O Papel Social do Geógrafo. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v.22, n.1, 1997.
- SIMONINI, Yuri. Fortaleza, Brasil – um porto afogado na areia (1869-1940). *Universidad Icesi*. CS, núm. 36, p. 113-145, 2022
- TAKEYA, Denise Monteiro. O capital mercantil estrangeiro no Brasil do século XIX: a atuação da Casa Boris Freres no Ceará. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 111-145, 1994.